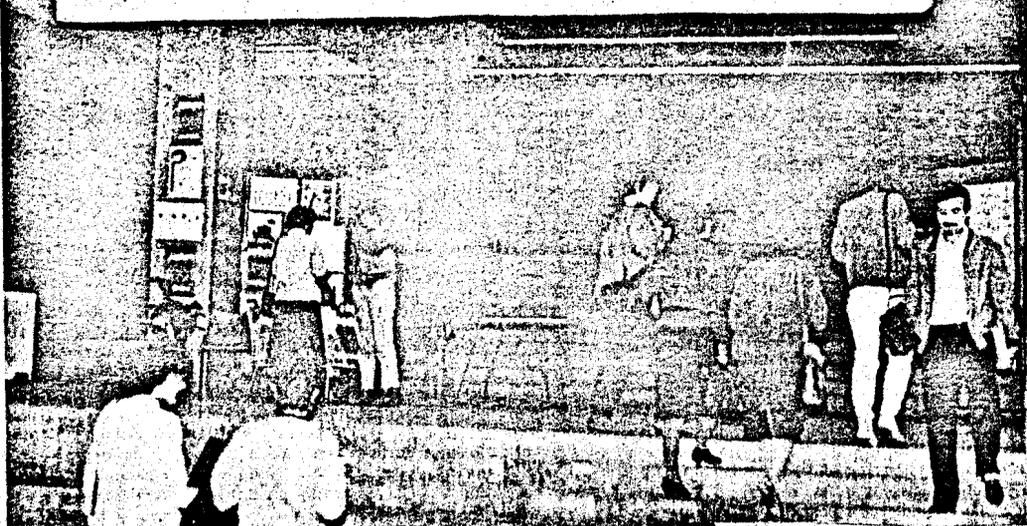



# VOS QUE AGORA AQUI ENTRAIS ABANDONAI TODAS AS ESPERANÇAS



Aério da Faculdade de Letras: a desesperança

as três Academias do País. Acharmos que o problema da reestruturação está a ser aproveitado para uma campanha política. Tenho sido crítico contra todos os Ministérios da Educação e continuo a sê-lo embora encontre neste ministro uma abertura ao diálogo.

## «Estamos a lutar pelo trabalho»

A Comissão Coordenadora de Letras que dirige a luta dos estudantes confidenciou, por seu turno, que a Associação de Estudantes de Letras «não tem feito nada e se desligou deliberadamente da luta, não participando nem comparecendo nas Assembleias Gerais».

Leonel Nunes, 30 anos, aluno do 4.º ano de Filosofia, membro daquela Coordenadora e também da Comissão Nacional Coordenadora do Estudantes de Letras disse-nos:

«A Associação de Letras, Lista C, não fez nada. Limitou-se a copiar o Caderno Reivindicativo apresentado por nós ao ministro no início de Fevereiro, caderno que foi aprovado em Assembleia Geral. É um caderno de âmbito nacional. O problema fundamental é que nós estamos a

lutar pelo trabalho. Pode dizer-se que esta luta é política, mas não partidária. Na Comissão, estão representadas todas as tendências, incluindo alunos de direita ligados ao Poder. É uma contestação ao sistema educativo, daí ser uma contestação ao sistema que gerou este ensino.»

«É uma geração de jovens — afirma Leonel Nunes — entre os 25 e os 35 anos que não tem emprego. É uma situação que vem detrás e que mostra, entre outras coisas, que a Reforma Cardia — muito contestada na altura — era condenável e está a dar os seus maus frutos. A qualidade do ensino continua má, não existe uma política cultural, somos a cauda da Europa a nível de licenciados, a incapacidade das Faculdades e do Ministério para a resolução dos problemas é notória.»

Um dos aspectos mais marcantes da luta dos estudantes de hoje prende-se com a

**O movimento surge porque estão em causa o emprego futuro, a segurança, a estabilidade**

imposição do «numerus clausus» no acesso à formação profissional em regime transitório, imposição que os Conselhos Científicos da Faculdade de Letras parecem, também, não aceitar. De facto, havendo outras saídas para os licenciados (autarquias, bibliotecas, tradutores, intérpretes, arquivos, etc.) não teria razão de ser o «numerus clausus». Repare-se que, no país vizinho, no caso de licenciaturas de História, existem cerca de 30 saídas possíveis. Quem diz História, dirá Línguas, Filosofia e Geografia que são os cursos onde as saídas profissionais — para além da docência — não existem.

Outra das questões é a proliferação de cursos na área de Letras em universidades privadas. A Comissão Nacional Coordenadora de Letras aponta ao ministro «a contradição entre a restrição no acesso ao ensino superior público e a existência no sector privado de um grande número de cursos de Letras com licenciatura automaticamente reconhecida».

Existem hoje em Portugal apenas 2,6 por cento de licenciados, dos quais nove mil estão desempregados. Isto num país com 30 por cento de analfabetos e 70 por cento de semianalfabetos (4.ª classe). É um panorama que não nos dignifica em

termos absolutos, nem na nossa relação com o resto da Europa.

## Crise estudantil 87?

«Lá fora, as Universidades tornaram-se pragmáticas, ligaram-se à Indústria, começaram a vender as suas tecnologias — acrescenta Carlos Brito Mendes. As saídas surgiram. No nosso país, à excepção de Ciências e Técnicas, não se consegue vender uma formação tecnológica. É o que se passa em Letras, Sociologia e Psicologia. A crise é inevitável, porque o

problema da nossa Universidade é que está a formar desempregados. E para o Poder, os desempregados intelectuais são perigosos. O Poder está preocupado com a situação estudantil porque fazer dos metalúrgicos ou dos operários agrícolas desempregados não os «chateia». Agora intelectuais têm medo.»

Embora estas lutas por soluções escolares e profissionais possam avolumar-se e o teor das reivindicações possa vir a ganhar um cariz de contestação política mais amplo ou seja tornar-se numa Crise Estudantil 87, a realidade que constatámos no inquérito que fizemos junto de estudantes de Letras e Belas-Artes é que existe um grande individualismo nos estu-

dantes de hoje, um desejo imperioso de emprego, de uma saída que aponte para uma independência pessoal e nada ou muito pouco de «política».

«Há um grande afastamento em relação aos outros movimentos estudantis anteriores. As pessoas vivem numa grande insegurança e instabilidade. Não querem continuar em casa dos pais. Vieram para a Universidade para se formarem cientificamente o que não acontece e para terem um trabalho de futuro, o que também não acontece», disse-nos Leonel Nunes.

Uma enorme desmotivação dos alunos face a uma situação que já vem de décadas — apesar de mexer e de ir até à greve — é o que se vive em Belas-Artes. Mesmo a greve é aproveitada para se «tirar umas férias». É a tradição de Belas-Artes: não há condições de trabalho, não se aprende, vai-se para casa trabalhar.

Teresa Amaral, 18 anos, aluna do 2.º ano de Artes Plásticas, da Associação de Estudantes afirmou:

«Penso que não há nenhuma crise estudantil e na minha geração não há muito interesse em conhecer os movimentos estudantis dos Anos Sessenta. Nós somos independentes, sabemos que o sistema de ensino está mal mas achamos que a luta deve ser resolvida entre os alunos e os professores. Os nossos problemas são específicos de Belas-Artes e passam por situações inadmissíveis tais como não haver luz, não haver salas, não haver professores e técnicos especializados para as tecnologias, não haver água, não haver cantina, não haver materiais. Há sim uma degradação, uma incompetência e uma incuria que tomaram proporções alarmantes.»

A situação em Belas-Artes poderá ser definida neste exemplo apresentado pela Associação acerca do exiguo orçamento atribuído àquela Escola: «Até há bem pouco tempo, os modelos eram pagos com a verba destinada ao papel higiénico que, por sinal, não existe nunca na Escola.»

## «Deixem-nos aprender!»

Belas-Artes debate-se, para além deste problema de funcionamento interno, com uma «questão adiada» que é a sua integração universitária e a actualização do Plano e do Regime de Estudos. Mas apesar da contestação em Belas-Artes não ultrapassar os muros da Escola, o painel de entrada em que estão escritas as reivindicações dos alunos aponta para uma maior consciencialização da luta dos estudantes.

Escreve-se: «O mal é que somos nós a querer mudar e a malta até faz falta... só as entidades oficiais não notam. Por um lado, ao que se ouve por aí, o regime mudou; por outro lado porque os tempos são outros... e as vontades (as nossas, claro) também!»

E mais adiante: «Ou é o governo que muda ou é o documento esquecido ou os órgãos de gestão da ESBAL que adormecem na sua própria inércia, o que é facto é que continuamos esperando. Querem calar-nos... Temos que desconfiar e actuar!»

Melhores condições de ensino, garantias de futuro: é isto que faz mover os estudantes portugueses de hoje. Não é mudar o que exigem. Como dizem os alunos do Secundário que também irão descer à rua: «Deixem-nos aprender!»

20
21
22
23
24
25
26
28
29
30
31

*Conflicto - estudantes*